

Rio das cobras: um mergulho na lagoa de maiaú
Snake from river: a dive in the maiaú lagoon

Nazaré Cristina Carvalho

Universidade do Estado do Pará - UEPA
Belém/PA - Brasil

Zilene dos Reis Maciel

Universidade do Estado do Pará - UEPA
Belém/PA – Brasil

Jomara da Conceição Lopes

Universidade do Estado do Pará - UEPA
Belém/PA – Brasil

Resumo

Que força motriz se esconde no mito da Lagoa do Maiaú em Moju/Pa? Indagação da presente investigação. Ancorada em Durand (2012), Bachelard (2018), Fares e Bastos (2000), Loureiro (1995) entre outros a elucidar os elementos dos imaginários literário, presentes no mito mojuense das cobras grande: Noratinho e Maria que moram na Lagoa do Maiaú. O objetivo Geral é analisar o imaginário mojuense por meio do mito das cobras encantadas nascidas às margens da Lagoa do Maiaú. A metodologia é a da pesquisa qualitativa, atrelada à observação participativa, com dados coletados pela entrevista semiestruturada. O corpus resultou da catalogação de mitos doados pelos narradores da localidade de Maratininga. Verificamos que a memória da mitopoética mojuense preservam saberes e fazeres de uma localidade que vivencia o mito; assim, as narrativas orais de Maratininga, referendam a criação de Moju, norteador o cotidiano daqueles que dependem da natureza para sobreviver.

Palavras-chave: Literatura; Imaginário; Cobra.

Abstract

What driving force is hidden in the myth of Lagoa do Maiaú in Moju/Pa? Question of this investigation. Anchored in Durand (2012), Bachelard (2018), Fares e Bastos (2000), Loureiro (1995) among others to elucidate the elements of literary imaginaries, present in the mojuense myth of the big snakes: Noratinho and Maria who live in Lagoa do Maiaú. The general objective is to analyze the mojuense imaginary through the myth of Lagoa do Maiaú. The methodology is that of qualitative research, linked to participatory observation, with data collected through semi-structured interviews. The corpus resulted from the cataloging of myths, donated by narrators from Maratininga. We verified that the memory of Mojuense mythopoetics preserve knowledge and practices of a locality that experiences the myth; thus, Maratininga's oral narratives endorse Moju's creation, guiding the daily lives of those who depend on nature to survive.

Key-words: Literature; Imaginary; Snake.

Introdução

Tecer lembranças em pesquisa literária é como receber no rosto as gotas da água da chuva do inverno. Cálido acalento de um longo banho de rio, tendo por companheira a brisa que sopra da mata e, os passarinhos que cantam a despertar reminiscências da infância, embaladas pelo imaginário poético mojuense. Momento singular descrito por Loureiro (1995, p.17) como “raízes fincadas numa trajetória marcada por dois elementos fundamentais – isolamento e identidade”.

O município de Moju, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2023), surge às margens do rio de mesmo nome. Isso, após o senhor de engenho Antônio Dornelles de Souza doar parte de suas terras à irmandade católica. Origem contestada pelos narradores de história locais que, embasados na mitopoética, explicam o surgimento do município a partir do nascimento da Lagoa do Maiaú, momento em que Noratinho, cobra grande encantada, briga com outra a Sucuriju em defesa da honra de sua irmã Maria, também cobra grande encantada. Da briga, Noratinho sai rasgando o rio no peito criando furos, igarapés e afluentes a contornar o município.

Investigar os imaginários amazônicos e, dentre eles o de Moju, nos interessou dada a riqueza cultural que vem sendo perdida, pelo restrito repasse dos mais velhos aos mais novos. Além do mais, do narrado ao cantado o mito circula por todas as áreas do município, seja no Alto, Médio ou Baixo Moju. Sendo assim, para não deixar a tradição do contar cair no precipício do esquecimento e, com ele que o relato das duas cobras encantadas se perca, bem como, para entender de que maneira o mito explica a realidade, não sendo esta, nos questionamos: Que força motriz se esconde no mito da Lagoa do Maiaú em Moju/Pa? Indagação que buscamos responder ao longo do artigo.

Mito compartilhado pela memória coletiva, “palavra que vence séculos e distâncias culturais, os mitos são parte da experiência humana compartilhada que nutre a curiosidade sobre tantos mundos e tantos lugares” (CORRÊA, 2016, p.12). Moju é um destes lugares cuja memória e imaginário se preservam em vivências de infância repassada de pai/mãe/tio/avó para filhos. Inquirição somente possível apenas pela delimitação do Objetivo Geral: analisar o imaginário mojuense por meio do mito da Lagoa do Maiaú.

Trilhar os caminhos da pesquisa é perfazer a investigação qualitativa. Atrela-se a ela a observação participativa, a coleta de dados fora realizada por meio da entrevista semiestruturada; já o *corpus* da análise resultou da catalogação de mitos, doados pelos

narradores da localidade de Maratininga os quais guardam lembranças da criação dos rios. De tal modo, a mitopoética dos irmãos cobras representa a identidade mojuense, produto cultural a compor esta investigação, conforme se verá nos itens a seguir.

O imaginário no Rio das Cobras: algumas explicações teóricas

Sinais e símbolos flutuam nas vivências dos que habitam às margens dos rios, em meio às florestas. Lembranças que contornam tenra infância, quando nossos avós pediam para não adentrarmos na mata ao meio dia, evitar banho de rio nos dias de catamênio, tomar cuidado com a Mãe d'água, Curupira ou com a Cobra Grande; não negar tabaco a Matinta Perera, entre outros conselhos a compor o comportamento do mojuense.

Na cidade de Moju, crescemos ouvindo o mito da Lagoa do Maiaú. Localidade na qual o casal de irmãos gêmeos, encantados em cobra, cresceu e, onde houve a briga da cobra Noratinho com a cobra Sucuriju, alargando a Lagoa do Maiaú e, fazendo surgir a mitopoética do Rio Moju. A briga gerou o esconderijo das cobras, em alusão ao significado do nome da cidade. Criações do imaginário local que Durand (2012, p. 18), informa ser o “conjunto das imagens e das relações de imagens que constitui o capital pensado do homo sapiens”.

Imaginários, assim, definido denota o grande denominador onde se reflete todas as criações do pensamento humano. Seria, pois, a encruzilhada antropológica que “permite esclarecer um aspecto de uma determinada ciência humana por um outro aspecto de uma outra” (DURAND, 2012, p. 18), isto é, imagens elucidadas por diversos vieses: auditiva, mental, emocional, etc.

Ação humana expressa pela Literatura, de maneira útil e doce, verossímil e, com teor de literalidade, categorias que Wellek e Warren (2003), evidenciam fazer parte de todo texto literário e, que nesta investigação se coadunam a expressão do mito no imaginário, e sua significação/significante da expressão sensível. O imaginário é a força motriz que sustenta o mito. Termo polissêmico, interdisciplinar, vem sofrendo ressignificações, para abarcar questões e problemas cada vez mais necessários ao debate acadêmico.

E, embora o termo seja utilizado há muito tempo e estudado por muitas linhas de pesquisa, foi visto com preconceito e tratado como invenção, pois para Wunenburger (2007, p.08), a maioria “dos problemas do mundo das imagens foi com efeito tratado durante muito tempo sob o abrigo da palavra ‘imaginação’, que designava a faculdade de engendrar e de utilizar imagens”. A essa discussão, Santos (2017, p.18), acrescenta que a

desvalorização do imaginário ocorreu em decorrência do avanço racional e científico no ocidente, “o racionalismo cartesiano rompeu com tudo que dizia respeito à opinião e a formas de conhecimentos transmitidos pela tradição ou por ideologias”.

Todavia, com a chegada do século das luzes, a concepção desvalorizada do imaginário declinou. E, o imaginário longe de ser um conjunto anárquico, caótico, obedece a estruturas e conhece uma história marcada por um jogo sutil de constantes variações no tempo, bem informa Wunenburger (2007). Daí em diante o termo se tornou o objeto central nas análises da realidade com a finalidade de revelar as experiências vividas e não vividas.

Acepções acima inserem o imaginário à arte literária, nas mais diversas formas – escrita ou oral. Nesse sentido, o simbolismo do imaginário contido na poíesis literária dilata-se, ou seja, e hoje não se refere apenas ao estudo da literatura, “mas ainda aos diferentes textos de cultura, nas diversas áreas de expressão artística” (BASTOS; FARES, 2000, p.71-72).

Para Bachelard (2018), no termo subjaz a presença da imagem na vida mental, atribuindo-lhe uma dignidade ontológica e uma criatividade onírica. Fontes da relação poética com o mundo. Seria, pois, o imaginário “conjunto de produções, mentais ou materializadas em obras, com base em imagens visuais (quadro, desenho, fotografia) [...] a formar os conjuntos coerentes e dinâmicos, referente a uma função simbólica” (WUNENBURGER, 2007, p. 11) a produzir relações imagéticas, metafóricas, eufêmicas, metonímicas, entre outras.

Assim, manifesto pela oralidade, o imaginário também se faz a partir da linguagem, é por esse meio que o homem se comunica; “a imaginação é produzida pelo pensamento humano, o ser humano é um ser de emoção, guarda para si, na memória, lembranças de experiências vividas que têm grande valor sentimental e afetivo” (SANTOS, 2017, p. 23-24). Imaginário que em Moju permeia memórias, relatos orais, as experiências apreciadas no cotidiano dos mais velhos cujo significados dão sentido à vida da população ribeirinha.

As crenças e superstições de velhos, regulam o modo de viver, de agir com a natureza, valores repassados de pais para filhos com o propósito de respeitar as matas, os rios, os seres que nestes lugares habitam, maneira de evitar as repressões por ofensas ou desobediências. Na Amazônia, o mito é muito presente no cotidiano da população ribeirinha; ele impulsiona e rege a vida das comunidades; surge como explicação para o inexplicável, forma de organização da realidade.

Para Cascudo (2006, p. 53), “é uma informação, um dado, um elemento indispensável para que se possa sentir o conjunto mental de um julgamento antigo”. O mito cria representações simbólicas que organizam a vida de toda sociedade. Ele desempenha papel e função social, pois, é esse imaginário que permite os relacionamentos entre pessoas, a natureza e o mundo em si.

Seria, pois, o mito “uma narrativa. É um discurso, uma fala. É uma forma de as sociedades espelharem suas contradições, exprimirem seus paradoxos, dúvidas e inquietações” (ROCHA, 2006, p. 03). Todavia não seria qualquer discurso-fala, mas, uma narrativa especial, particular, capaz de ser distinguida das demais. Isto é, o valor social do mito constitui a identidade de um grupo, seu lugar está no falar poético, na existência, resistindo no tempo e espaço, vivo como força cultural, existindo como costume, hábito, conduta entre os que nele acreditam.

E, o espaço amazônico mojuense cercado por uma cultura local, com uma população que vive e trabalha no sistema de vida ribeirinha, coletores de castanha e andirobas, pescadores, agricultores, extratores de cascas de árvores medicinais e suas resinas, população que vive daquilo que a mata e os rios lhe concedem, consolidou um imaginário marcado pelas lendas, contos, mitos, visagens que compõe e enaltecem sua realidade.

Das margens às bordas: a Literatura Oral em foco

Em Moju, contar causos, histórias de visagens, aparições, assombrações, ainda é ação presente nas rodas de conversa, tanto na zona urbana, quanto na rural. Embora sua frequência venha diminuindo ao longo do tempo, resisti, mesmo depois do progresso tecnológico que relega o contar como “coisa de velho”. É no escutar das histórias dos seres encantados, dos rios e das florestas que desenvolvemos nossa oralidade/identidade.

Os primeiros narradores são encontrados nas famílias, são os contadores de afeto, herança partilhada pela voz maternal dos avós. Polifonia poética a compor o que na academia conhecemos por Literatura Oral. O conceito foi criado em 1881 por Paul Sébillot com objetivo de definir e unir as manifestações culturais não ágrafas. Literatura Oral também conhecida como a irmã mais velha da literatura escrita ou oficial.

Para Zumthor (1997, p. 24), ela “evoca uma poesia anônima e nascida espontaneamente no seio das massas”, contendo elementos característicos, como: antiguidade, persistência, anonimato, oralidade. Uma poesia expressa pela voz, daquele que canta, conta, declama, poesia guardada na memória, resistindo ao esquecimento.

Segundo Frederico Fernandes (2007, p. 24), “a poesia oral, a partir do século XVIII, acabou desempenhando um papel secundário na crítica literária por vários motivos”. Primeiro por se desvincular da escrita, considerada literatura de um povo sem leitura, patrimônio ágrafo. Segundo, por se transmitir, entregar aos cuidados do popular, se distanciando da cultura erudita. Terceiro, por ser popular se tornou objeto de investigação do folclore. Entretanto, Zumthor (1997, p. 27) expõe, “é inútil julgar a oralidade de forma negativa, realçando-lhe os traços que contrastam com a escrita. Oralidade não significa analfabetismo, [...], toda oralidade nos aparece mais ou menos como sobrevivência”.

A tradição escrita advém da tradição oral, desta forma, a Literatura desde o princípio se serviu dos imaginários dos povos de tradição antiga. A História Oral tem ajudado a fortalecer os questionamentos em torno dos relatos orais. É ela quem permite evidenciar fatos guardados na memória de quem tem experiência de vida para contar.

Na Amazônia, os narradores de Literatura Oral, relatam casos e narrativas míticas de seres da mata e dos rios, muitas vezes contam as próprias vivências. Aqui caminhamos nos campos da Literatura Oral com intuito de preservar as miscelâneas de narrativas mojuenses, como já exposto, trilha a passos largos o caminho do esquecimento e o não reconhecimento pelos mais jovens do município.

Quando o velho destranca o baú das memórias, busca lembranças para atuar no presente; memória chamada de hábitos, comportamentos que este lança mão no decorrer de sua vida. As outras lembranças, empoeiradas com o tempo estão ali, “isoladas, singulares, que constituiriam autênticas ressurreições do passado” (BOSI, 1994, p. 48), isto é, o devaneio, lembrança de um momento ímpar, tão importante que permaneceu no inconsciente.

Assim, aos acontecimentos narrados pelos mais velhos chamamos de memória. É como explicitou Vernant (1990), o velho não recria tempo nem o anula, estando entre o presente e o passado. Ela permite a transmutação da experiência; trocas entre o mais velho e o mais novo. Memória oralizada que se transformou em Literatura escrita. A memória ocupa o campo da lembrança, guardada no subconsciente de cada indivíduo, nascendo e operando sobre estes; no demais, as narrativas contadas pelos velhos contribuem com a formação da identidade coletiva.

As narrativas são fontes importantes de povos originários de tradição oral; instrumento e herança identitária que forma, fomenta e preserva o modo de viver, ser e agir das comunidades que praticam o contar como costume e arte; traduzindo em palavras as lembranças, outrora registradas, identidade que solidificam construindo tradição.

Narrativa-memória ou mesmo sentimento de identidade, tanto individual, como coletiva, a memória se assemelha ao mar e seus fenômenos de maré, ou mesmo como um rio e sua pororoca a revirar acontecimentos realocando o passado no presente e vice-versa. Caminho por onde o conhecimento transita de uma geração a outra, orientando os indivíduos e suas ações nos grupos e/ou comunidade. O narrador transforma sua narrativa em experiência para quem o escuta, mesmo este não tendo participado ou visto tais acontecimentos, ele é o portador da verdade refletida no mito. Assim, é como expôs Vernant (1990), a memória nos aparece como uma fonte de imortalidade.

Narrativa de cobra: os caminhos da pesquisa

Aqui cabem alguns adendos, o primeiro deles seria a descrição geográfica de Moju que o IBGE (2023), define pertencer à zona fisiográfica do Baixo Tocantins, microrregião de Tomé-Açu, mesorregião do nordeste paraense de bioma Amazônico e área territorial de 9.094,139 km², com população de cerca de 82.094 mil habitantes. Moju é cortado pelo rio do mesmo nome, tendo o Cairarí, Ubá, e igarapé Jambuaçu como acidentes geográficos mais importantes.

Há também nesse limiar, a localidade de Maratininga, área situada na vicinal 03, Rodovia Pa 150, a 74 Km da sede do município, localidade rural de Moju, em virtude de o lugar representar a identidade cultural mojuense, fato que nos levou a escolha dos narradores da investigação. O artigo optou pela categoria narrador camponês sedentário trabalhada por Walter Benjamin (1987, p. 198-199), “homem que ganhou honestamente sua vida sem sair de seu país e que conhece suas histórias e tradições”, ou seja, a pessoa que nasceu, cresceu, trabalha e/ou trabalhou com a terra sem sair do lugar de nascimento, constituindo, então suas falas o *corpus* da pesquisa.

A pesquisa buscou suporte metodológico na abordagem qualitativa, descrita por Severino (2018, p. 125) como: “conjunto de metodologias, envolvendo, eventualmente, diversas referências epistemológicas. [...] faz referências mais a seus fundamentos metodológicos do que propriamente a especificidades metodológicas”. Ateleu-se a ela, a observação participativa, definida segundo Marconi; Lakatos (2021, p. 211) como “participação real do pesquisador na comunidade ou grupo. Ele se incorpora ao grupo, confunde-se com ele. Fica tão próximo à comunidade quanto um membro do grupo que está estudando”, isto é, o pesquisador se introduz, compartilha vivências e participa dela durante sua pesquisa.

Para a coleta dos dados, realizamos viagens a localidade de Maratininga. Nos inserimos na comunidade e observamos possíveis narradores a compor com suas histórias nosso *corpus* de estudo. O perfil selecionado foi o do narrador camponês sedentário, guardião da tradição, com idade a partir de 65 anos. A coleta de dados fora realizada por meio da entrevista semiestruturada em que “o entrevistador tem liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direção que considere adequada. É a forma de poder explorar mais amplamente uma questão” (MARCONI; LAKATOS, 2021, p. 214). Já o *corpus* da análise resultou da catalogação de mitos, doados pelos narradores, os quais guardam lembranças da criação dos rios.

Após a caracterização dos narradores, os quais identificaremos como narrador camponês sedentário um (01), de 67 anos, moradora da vila Perpétuo Socorro; narrador camponês sedentário dois (02), de 71 anos, morador da vila São José; e narrador camponês sedentário três (03), de 83 anos, morador da vila Ouro Verde, todas as vilas citadas estão situadas na localidade de Maratininga. Assim, vertemos o mito do oral para o escrito.

Noratinho e Maria: cantos e encantos de Maratininga

Os relatos de cobra são frequentes no Pará, em Moju acredita-se na existência de cobras encantadas que habitam os rios. No imaginário popular o lugar onde elas vivem se torna encantado e/ou sagrado. Durante a entrevista perguntamos aos narradores se eles já tinham ouvido falar do mito das duas cobras grande encantadas da Lagoa do Maiaú e, assim obtivemos o seguinte relato:

É, uma jovem. Elas vieram, o pai e a mãe eram pessoas que na época iam pra roça trabalhá, isso é o começo né? Saíram pra í trabalhá, então deixavam a filha na, na casa. Olha filha, fica aí que nós vamos pra roça. Ela ficava, aí ficava ela e irmão, aí quando a irmã ficava cuidando nas coisas o irmão ia brincar e aí, aí qui que acontece foi, começô passa esse rapaz já, um rapazinho já lá, é aí, queria visita ela. Aí sim, quando um belo dia ela sentiu enjoada e tudo, aí ela garrô, foi, disse que tava duente, aí o pai ficô preocupado, disse: mas duente por que, qui tu fica aqui só faiz as cozinhas da casa. A, aí com isso né, já é o injou já que ela tava gestante, já, já tava gestante já. Aí ela a mãe, chamô, prestô atenção viu que ela tava gestante já, aí num teve como escondê, chamô o pai e disse. O pai ficô brabo porque ele ia pegá quem era porque a filha dele já tava gestante, quem era já o pai desse, desse filho dela. Ela disse, era, ela falô que era um moçu que varô aqui muito bunito, ele, ele pegô, ainda bateu ela, e aí quando foi no dia que deu dô nela, né! Aí disse, ele disse que ele ia descubrí quem era o pai, aí deu dô nela, aí chamou a partêra, porque antigamente era no tempo da partêra, não tinha médico pra fazê parto, a partêra conheceu né que não era uma criança simples, sim, tava gestante, mas qui num era uma,

um ser humano. Era diferente, aí ela garrô, mandô que trouxesse a bacia com a água, ela foi, fez o parto, pegô aí era cobrinha pegô e jogô dentro duma bacia com água, aí depois tinha mais, mas a outra né, a outra, aí tornou duas cobrinhas que foi o Norato e a Noratinha, o Noratinho e a Norata era duas, um casal de cobra.[...] (NARRADOR CAMPONÊS SEDENTÁRIO 01, PESQUISA DE CAMPO, 2021).

Pelo exposto, o narrador camponês sedentário 01, de 67 anos, nos expõe o início da história das duas cobras encantadas, que começa com o namoro da mãe do casal de cobras com um belo rapaz. Passando algum tempo, a moça descobre que está grávida, ocasião em que o rapaz some, deixando para a adolescente o compromisso em assumir sozinha a gravidez.

Assim, o mito na região se torna a maneira de explicar a gravidez indesejada cujo pai não quer se responsabilizar “[...] *É pai, eu fiquei gestante o senhô dizia que era de, de uma pessoa qualquer. Não! Era um rapaz bunitu mas eu não sei. Ai ele disse: É, intão isso aí é um incantado, com certeza!*[...]” (NARRADOR CAMPONÊS SEDENTÁRIO 01, PESQUISA DE CAMPO, 2021). Atribui-se a paternidade das crianças aos seres encantados como Boto, a Cobra, o Embuá, que crescem sem conhecer o pai biológico pois, esta verdade não é contestada por ninguém que os conheça.

Na região amazônica, especialmente na zona rural, é comum um dos filhos, geralmente as filhas, ficar na casa para realizar os afazeres domésticos. É nesse momento que os casos amorosos acontecem, pois não há vigilância dos pais. Para os moradores da área ribeirinha, esses encontros ocorrem com o curso dos rios.

A água torna-se, assim, elemento de contemplação, uma imaginação materializante. Pois os moradores do entorno, acreditam emergir dos rios e igarapés seres miraculosos, sobrenaturais, capazes de se metamorfosear em humano e desfrutar de um momento íntimo com o ribeirinho. Assim, aconteceu com a mãe dos dois encantados da localidade de Maratininga, seduzida pelo ser surgido das águas, uma cobra.

O rio é tudo. Ele ramifica-se, liga-se, entrelaça-se e, é nesses labirintos que surgem as forças míticas a encantar, um “ator de incansáveis metamorfoses” (LOUREIRO, 1995, p. 122). O homem amazônico está unido ao rio, ele alimenta o imaginário deste, explicando algo sem explicação. Ele está em tudo que é produzido, é a cultura, a poesia, a música, é a própria arte.

Desse modo, o narrador camponês sedentário 02, de 71 anos, assim nos informou sobre o cuidado em que os filhos encantados dedicavam a mãe “[...] *Ele tratava da mãe, levava, conta história que amanhecia cambada de peixe, dentro da casa, dentro da cozinha [...]*” (NARRADOR CAMPONÊS SEDENTÁRIO 02, PESQUISA DE

CAMPO, 2021); pois, mesmo depois de soltá-las no rio, elas voltam, preocupando-se com o bem-estar de sua mãe.

Para Ribeiro (2017), a cobra, animal misterioso, místico suscita nos imaginários elementos que intencionam imagens simbólicas e enredos. Criatura lendária a imprimir pavor e sedução; entidade ambivalente a expressar malignidade e benignidade. “É o espírito do mal, o terror das águas do rio, que afugenta homens e animais” (CARVALHO, 2014, p. 225). “Senhora da vida e da morte, [...] à sua valência positiva e negativa, ao seu poder letal e vivificador que se disseminou de acordo a tonalidade das emoções humanas” (RIBEIRO, 2017, p. 12).

A cobra, ao mesmo tempo que má, cuida, alimenta e defende a mãe. A cobra une duas realidades opostas, um imaginário palpável perpassado pelo olhar e pelo tempo que corre nas águas dos rios. Nos relatos dos narradores, nos deparamos com o ápice da narrativa, momento de desentendimento dos irmãos, briga, separação e morte, laços quebrados, vínculos cortados pelo envolvimento de Maria, a cobra fêmea, com um ser não encantado: a Sucuriçu, ou “cobra monstro” como é conhecida pelos moradores da região de Maratininga:

[...] aí, demorô praí, pareceu um sicuriçu grande aí e namuru com ela, com a Lobata. Essa Lobata, quando ele súbí lá em Tocantins, aí ele ficô brabu e veiu, aí saiu lá na bêra do Tocantins, ele, saiu, por terra e encontrô um caçadô aí pegô dissí: Ê mestre! Ê! Quê cê tá fazendo? Tû caçandu. Olhe, o sinhô vorte e vá dizer prus moradô dê lá desse quadro si priviniri cum água durante sês dia que vai havê nu riu um grande tipitingueru que, um pitiú que num vai pudê, ninguém bebê água, nem suportá. Um mostra cobra revirando pau, dê metro, dê roda, arrancando, arrancando vara e a istrada ia ficano, e aí o homi vortô, curreu, chegô fui avisá. Todo mundo si preveniu cum água pá sês dia. (NARRADOR CAMPONÊS SEDENTÁRIO 03, PESQUISA DE CAMPO, 2021).

Na história coletada com o narrador camponês sedentário 03, sentimos o evocar da memória, é como explicitou Bosi (1994), para o homem velho, cabe a função de lembrar, ser a memória da família. O narrador 03 traz consigo a arte do narrar e sua nostalgia. Sua voz, torna-se disseminadora da cultura, esta muitas vezes esquecida ou nem conhecida pelos pequenos.

As duas partes, narrador e ouvinte, estão frente a frente, na busca pela continuação do narrado. O narrador, mestre da arte de contar tem na voz o entoar, nas mãos o gesticular, ação que dá vida à imaginação. Experiência de um tempo vivido, marcado algumas vezes pelo esquecimento. Momento que Ferreira (2003), trata como reconstrução

de uma outra ordem, recriação; armadilhas da poética e da memória, como bem informa a autora. A quem narra fica a expectativa da próxima palavra gesto, ao ouvinte as múltiplas sensações, já para quem escuta e escreve cabe o verter do narrado ao escrito.

E deste modo, o narrador camponês sedentário 03 rememorou pretéritos marcantes e, trouxe a nós a briga entre Noratinho e a cobra Sucuriju, pivô da separação dos irmãos. No relato do narrador 02, cobra Noratinho retorna ao seu local de origem, “o poço Maiaú”:

Já, quando ele veio de lá, quando ele nasceu aí, se localizô aí. Daí, ele fui embora, pode tê ido até por aqui, mas foi pelo rio que existia, [...], aí dobro pro Tocantins né, que quando ele veio de lá, ele já veio pelo mato, aí desceu aí [...] (NARRADOR CAMPONÊS SEDENTÁRIO 02, PESQUISA DE CAMPO, 2021).

Em seu regresso encontra um caçador o qual informa do porvir conforme podemos observar: “[...] *Ai quando ele desceu aí, ele se veio pessoamente, né! Aí avisô a berada, o pessoá por aí, que oito, que era pra eles inchêri tuda as vasilha cum água, que oito dia a água num ia prestá no Rio Moju, Que ia sê um tipitingueru danado, [...]*” (NARRADOR CAMPONÊS SEDENTÁRIO 02, PESQUISA DE CAMPO, 2021).

Depois de escutar atentamente a tudo que o “homem” dizia, o caçador virou-se para retomar seu caminho. Neste momento, se ouve grande estrondo. A floresta ao redor caía, estava sendo derrubada por uma força animalesca, o homem transformara-se em cobra, “[...] *Um mostra cobra revirando pau, dê metro, dê roda, arrancando, arrancando vara e a estrada ia ficano*” (NARRADOR CAMPONÊS SEDENTÁRIO 03, PESQUISA DE CAMPO, 2021).

A natureza é dotada de expressão simbólica. Para o caboclo ribeirinho, a mata é a grande mãe, é dela que ele retira tudo que precisa; ele vive em conformidade com ela. Quando Noratinho na narrativa retorna a seu lugar por terra, não recorrendo aos caminhos serpenteados pelos rios, cria no imaginário mojuense, a mitopoética da Lagoa do Maiaú.

A estrada, a marca, “o rego”, deixado por ele, é a certeza que Noratinho viveu em terras mojuense. É como explicita Corrêa (2017), o mito não é só uma narrativa, é a explicação da vida, da criação, é o que nos constitui seres humanos, experiência compartilhada.

E assim, a grande luta aconteceu. Nas narrativas coletadas, os dias marcados para o confronto entre Noratinho e a cobra Sucuriju fica entorno de seis a oito dias e, nesse decorrer eles se enfrentam, terminando com Noratinho cego de um dos olhos, Sucuriju

morto e Maria desprezada pelo irmão. O encontro, carregado de significado, termina em tragédia “[...] *E aí, ele desceu pu fundo e fui briga com a outra lá no fundo. [...] Brigú, brigú, ele não era, ele era bom lá nessa briga lá, mordeu no ulho dele e cegô ele dum lado. [...] A cobra mustru [...]*” (NARRADOR CAMPONÊS SEDENTARIO 02, PESQUISA DE CAMPO 2021).

Os narradores discorrem sobre o fim da cobra Sucuriju, o qual eles dizem que Noratinho “fez o serviço” indo embora depois do ocorrido: “[...] *A cobra mustru ele matô, cum pôco tempo ela buiú [...]*” (NARRADOR CAMPONÊS SEDENTÁRIO 02, PESQUISA DE CAMPO, 2021). Noratinho, o herdeiro retorna ao lugar onde nasceu, exige seu domínio, mata o intruso, expulsa a irmã, que na mudança fora visto em outros poços da região, mas isto é narrativa para outra pesquisa. Após o ocorrido, Noratinho abandona a Lagoa onde nascera e parte em direção às águas salgadas. Em sua jornada, aporta nas águas do rio Tocantins, e por lá ficara, até ser desencantado.

A mitopoética da Lagoa do Maiaú traduz um maravilhamento, nascido do discernimento do imaginário ao real, isto é, o imaginário explicando, misturando-se com a realidade. A natureza deixa de ser apenas um espaço físico, para se tornar ontológica e transcendente: “*e não se sabe mais nada? Não! Ninguém soube mais, é por isso que diz que o rio Moju é o rio das Cobras que foru gerada de uma outra cobra incantada*” (NARRADOR CAMPONÊS SEDENTÁRIO 01, PESQUISA DE CAMPO, 2021).

O mito das cobras encantadas da Lagoa do Maiaú, alude ao nome da cidade de Moju que em tradução em Tupi-guarani significa rio das cobras; a forma serpenteada dos rios, igarapés, furos e afluentes, espelha no imaginário local a abertura dos rios ao peito por Noratinho que em fuga a outras regiões vai alargando, formando os acidentes geográficos do município.

Diante do que foi exposto até aqui, o mojuense acredita que a marca, estrada, rego, deixada na Lagoa do Maiaú fora feita por Noratinho em seu retorno, e que ao fugir abre caminhos para criação de outros lagos, furos e afluentes, certeza que mesmo explicada cientificamente, é esquecida quando a narrativa da região é contada pelos mais velhos e, abraçada por quem a ouve. Pois para quem acredita o mito é a explicação do inexplicável.

Considerações finais

O homem amazônico e, entre ele o mojuense, convive com os seres naturais e sobrenaturais que habitam as matas e os rios e, assim, transita do real ao poético por meio do imaginário, tendo a natureza como portal para o mundo de representações, muitas

vezes confundindo aspectos do real e do irreal, criando um ambiente transcendental para a poética do imaginário.

Imaginário que expressa valores, visões de mundo, fazendo do ato de narrar a experiência de circulação do saber; ensinamento perpetuado pelo mais velhos; complexa pedagogia do cotidiano aprendida pelos moradores das localidades que na hora da história ensinam e aprendem.

E assim, a força motriz que se esconde na Lagoa do Maiaú em Moju é o imaginário, encontrado no campo da mitopoética, imerso no contexto amazônico pela contemplação do sensível. Elemento manifestado nas crenças, valores, saberes locais, construídos na relação do homem com a natureza. O simbolismo presente no imaginário amazônico desenvolve o papel social que cria, recria e organiza padrões e condutas que orientam a vida individual e coletiva da sociedade; o imaginário se constitui realidade fundante, imerso em uma carga simbólica, reconhecida pela sociedade e defendida pelos sujeitos que a compõem, tornando-se formador de identidade.

Referências

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria.** São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018.

BASTOS, Renilda Rodrigues e FARES; Josebel Akel. **Dois singulares e um plural: Diálogos sobre poéticas orais.** In.: O caráter interdisciplinar da pesquisa: múltiplos olhares. Fátima Vera Cardoso Figueiredo e Maria do Perpétuo Socorro Simões Cardoso da Silva (org.). Belém: UEPA, 2000.

BEIJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura.** Obras escolhidas. Tradução Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: Lembrança de Velhos.** 3ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CARVALHO, Nazaré Cristina. Caleidoscópio do imaginário ribeirinho amazônico. **Instrumento: R. Est. Pesq. Educ.**, Juiz de Fora, v.16, n. 2, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/revistainstrumento/article/view/18913> Acesso em: 22 fev. 2023. Acesso em: 22 fev. 2023.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Literatura oral no Brasil.** 2. Ed. São Paulo: Global, 2006.

CORRÊA, Paulo Maúes. **Cobra grande: terror e encantamento na Amazônia.** Bélem, PA: Paka-Tatu, 2016.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**: introdução à arquetipologia geral. 4. Ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

FERNANDES, Frederico Augusto Garcia. **A voz e o sentido**: poesia oral em sincronia. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

FERREIRA, Jerusa Pires. **Armadilhas da memória e outros ensaios**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Cidades. IBGE, ©2021. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/moju/panorama>>. Acesso em: 24 jan. 2023.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura amazônica**: uma poética do imaginário. Belém: Cejup, 1995.

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 9. Ed. São Paulo: Atlas, 2021.

RIBEIRO, Maria Goretti. **Imaginário da serpente de A a Z**. [Livro eletrônico]. Campina Grande: EDUEPB, 2017.

ROCHA, Everardo. **O que é mito**. Coleção Primeiros Passos: Editora Brasiliense, 1996.

SANTOS, Valdenei de Souza. **O imaginário amazônico na várzea parintinense e as narrativas do boto, na Comunidade do Sagrado Coração de Jesus da Costa da Águia**. 2017. 137 f. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2017.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 24. Ed. São Paulo: Cortez Editora, 2018.

VERNANT, Jean-Pierre. **Mito e pensamento entre os gregos**: estudos de psicologia histórica. Tradução de Haiganuch Sarian. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

WELLEK, René; WARREN, Austin. **Teoria da literatura e metodologia dos estudos literários**. Tradução Luis Carlos Borges. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

WUNENBURGER, Jean-Jacques. **O imaginário**. São Paulo: Editora Loyola, 2007.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. Tradução de Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia Diniz Pochat, Maria Inês de Almeida. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

SOBRE AS AUTORAS

Nazaré Cristina Carvalho

Doutora em Educação Física e Cultura (UGF). Mestra em Educação (UNIME/SP). Possui Estágio Pós-Doutoral em Educação (PUC/RJ). É licenciada em Educação Física e

Ciências Sociais. Atualmente é professora adjunta da Universidade do Estado do Pará - Departamento de Artes Corporais e Programa de Pós-Graduação (mestrado) em Educação, integrando a Linha de Pesquisa Saberes Culturais e Educação na Amazônia. Tem experiência na área de Educação Física, com ênfase em Educação Física e Cultura, atuando com os seguintes temas: infância, jogos, brincadeiras, ludicidade e cultura, saberes e imaginário social, mitos, corporeidade. É coordenadora do Núcleo e grupo de pesquisa Cultura e Memórias Amazônicas /CUMA-UEPA), filiado ao Diretório de Grupos dos Pesquisa do Brasil (CNPQ). Membro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação /ANPED).

E-mail: n_cris@uol.com.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8417-3504>

Zilene dos Reis Maciel

Mestranda em Educação linha Saberes Culturais e Educação na Amazônia UEPA (2022). Especialista em Ensino de Língua e Literatura nos Anos Iniciais e na Educação de Jovens e Adultos (UFPA). Especialista em Metodologias do Ensino de Língua Portuguesa e Literatura na Educação Básica (UNOPAR). Licenciada Plena em Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Pará.

E-mail: zileneismaciel@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5780-8965>

Jomara da Conceição Lopes

Licenciada Plana em Letras Língua Portuguesa, pela Universidade do Estado do Pará (UEPA), atua nos seguintes temas: identidade amazônica, memória e Imaginário. Graduanda em Agroecologia (UFPA).

E-mail: jomaraclopes@gmail.com

Recebido: 18/04/23

Aprovado: 23/06/23